



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 1

Entre estigmas e resistências: os corpos
femininos na experiência urbana

Uma história da Sereya Candace

Sereya Yara

Universidade Federal da Bahia
Rolê Transcentrade

Uma História da Sereya Candace

Resumo:

O texto é a transcrição da fala de Sereya Yara na Mesa 01 (Os Corpos Femininos e a Rua) do Colóquio Cidades Sexuadas. Em sua fala, a autora reflete sobre as violências estruturais que atravessam corpos femininos trans e racializados no espaço urbano, articulando, a partir de suas experiências, reflexões sobre a prostituição de mulheres transexuais e travestis, sobre sua arte e sobre estratégias de sobrevivência. Além disso, sua fala atua como uma forte denúncia aos estigmas, ao racismo e à marginalização que moldam o cotidiano desses corpos na cidade.

Palavras-chave: Corpos trans; Prostituição; Racismo; Direito à cidade.

Una Historia de la Sereya (Sirena) Candace

Resumen:

El texto es una transcripción de la exposición de Sereya Yara en el Panel 01 (Cuerpos Femeninos y la Calle) del Coloquio Cidades Sexuadas. En su discurso, la autora reflexiona sobre la violencia estructural que experimentan los cuerpos femeninos trans y racializados en los espacios urbanos, articulando, desde sus experiencias, reflexiones sobre la prostitución de mujeres transgénero y travestis, su arte y sus estrategias de supervivencia. Además, su discurso constituye una contundente denuncia de los estigmas, el racismo y la marginación que configuran la vida cotidiana de estos cuerpos en la ciudad.

Palabras clave: Cuerpos trans; Prostitución; Racismo; Derecho a la ciudad.

A Story of the Sereya (Mermaid) Candace

Abstract:

The text is a transcript of Sereya Yara's speech at Panel 01 (Female Bodies and the Street) of the Gendered Cities Colloquium. In her speech, the author reflects on the structural violence experienced by trans and racialized female bodies in urban spaces, articulating, from her experiences, reflections on the prostitution of transgender and *travestis*, their art, and survival strategies. Furthermore, her speech acts as a powerful denunciation of the stigmas, racism, and marginalization that shape the daily lives of these bodies in the city.

Keywords: Trans bodies; Prostitution; Racism; Right to the city

Oi, boa tarde, a todas as pessoas presentes aqui presentes nessa casa. Afinal de contas, prazer: meu nome é Puta. Sou uma mulher negra indígena não aldeada, de comunidade ribeirinha, autista nível 2 de suporte, cuidadora de 17 gatos, estudante de física na UFBA. Uma Sereya Candace.

Tem até uma poesia que escrevi há uns cinco anos, mais ou menos, que fala exatamente disso. Fala muitas coisas, na verdade. Porque, assim, eu também sou bailarina (essa é uma das minhas formações), sou multiartista. E me recordo, nesse momento, de uma situação que passei em uma balada em Camaçari que eu costumava frequentar, mas na qual havia muita resistência à minha presença. Estar ali era, por si só, um ato de resistência. Era uma militância estar naquele espaço. Nesse período me lembro de refletir sobre o quanto de resistência era exigido de mim apenas por querer me divertir, por querer me sentir bem. Então eles constantemente vulgarizavam a minha dança. Diziam que era “vulgar” e que eu não podia dançar do meu jeito, porque, se fizesse isso, corria o risco de ser colocada para fora do recinto e outras coisas desse tipo. E daí nasceu uma poesia que eu gostaria de contribuir aqui com vocês. Daí eu digo assim:

Asas de Mulher
De sandália havaiana que ela só quer dançar
Ela só quer paz
Dança africana em seu quadril
Pra fora é vulgar
Pra dentro é fugaz
É o mar
É só ela que calminha e quer dançar
Pelo vento em movimento que o próprio tempo dirá
Que ela só quer passar
roupa curta
povo assusta
Atura ou surta
Que a dama de vermelho
Que pelo seu reflexo transparente espelho verdade assusta
Liberdade não é sinônimo de masculinidade
Não sou sua puta
Não me julgue por sua conduta
Ser puta, ser livre
Ser puta, ser livre
Não queremos padrões
Tantas prisões justificam nossas dores
Nos estupram pelos corredores
Assédios, abusos e outras coisas mais
Ah, e não me peça para que te prove
Quer saber quem eu sou?
Sou a puta do século XIX
Sou a neta negra da bruxa que você não conseguiu queimar
Meu corpo arde
Aos Desejos seus
Segura o seu anseio
Quero o direito sobre o meu corpo
Por inteira, ser mulher é sinônimo de voar.

Sereya Yara, 2025.

Eu gosto dessa poesia. Foi aplauso isso? Ah, obrigada! Eu acho que isso é a síndrome da artista. Qualquer coisa que a gente faz, a gente espera um aplauso no final. Me recordo também que, nessa época, eu já tinha “feito programa” porque eu precisava ir para a rua mesmo para me prostituir, já que precisava comprar os meus hormônios e iniciar minha terapia hormonal, e eu não tinha condições financeiras. Tentei arrumar trabalhos formais e convencionais, mas fui extremamente rejeitada pelo mercado de trabalho formal da cidade.

Sou filha de Camaçari, cidade da região metropolitana aqui de Salvador, precisamente na comunidade Açú da Capivara, localizada em Arembepe. E lá em Camaçari, o preconceito é ainda muito mais exacerbado do que nas capitais, por ser uma cidade mais interiorana, apesar de ser extremamente rica e ser um polo industrial muito forte. Infelizmente a nossa cultura não caminha junto com essa evolução financeira. Temos um histórico de gestões públicas que não prestam assistência à população, com muitos episódios de corrupção e de predomínio de interesses particulares para além da nossa própria cultura e população.

Então quando eu fui para a rua, foi muito tenso, pesado. Acabou sendo um processo meio lógico, porque eu refleti: “Eu não tenho problema nenhum em fazer sexo, certo? Eu sou super de boa, bem resolvida, tranquila com isso”. Então, a partir do momento em que eu vi que eu não tinha nenhuma outra fonte de renda para gerar, eu conversei com a minha família e comuniquei: “eu vou me prostituir”. Mas não foi algo romantizado e fácil como parece. Na verdade, foi algo bem tenso. Porque a sociedade nos marginaliza. Os corpos femininos na rua são os corpos que são extremamente marginalizados por estarem naquele lugar. Muito raramente é que você vai ter conhecimento de uma história de alguma prostituta, que esteja fazendo isso por prazer e não por necessidade. Eu até conheci uma irmãzona, a finada Jade. A cerca de 3 anos ela foi assassinada na rua assim como várias outras amigas minhas ao longo destes anos.

Além desse processo violento, que ocorre com nossos corpos o tempo todo nas ruas, também somos obrigadas a assumir uma posição de pessoas fortes o tempo todo, apesar de tudo. Esses dias inclusive, eu estava vendo uma publicação de um influencer no Instagram, onde ele falava sobre a masculinidade frágil. O influencer estava apresentando argumentos para refutar a ideia de que não se tratava de masculinidade frágil quando as pessoas questionam sobre o vício em pornografia. E ele falou sobre algo muito interessante, de como nós, mulheres pretas, somos tratadas no sexo. Somos sempre retratadas como o corpo que mais resiste, aquele corpo forte, a mulher que é brava, raivosa. Por outro lado, o corpo da mulher branca, cis ou trans, ainda é colocada naquele lugar da feminilidade, da fragilidade etc. Então, nós mulheres pretas, não temos

o direito de ser frágil, não temos o direito de ser sensível, não temos possibilidades de sermos postas nessa condição de frágil, até mesmo para poder desconstruir esses lugares.

Foi a partir dessa reflexão, nas ruas, exposta a tudo isso, que comecei a perceber a importância de começar a falar sobre minhas sensibilidades, sobre esse meu lado de mulher sensível. Do meu direito de também ser delicada e que não dá para ser colocada em qualquer lugar, de ser exposta às condições de extrema violência que eu não quero e não vou sustentar e que, tampouco, vou ter tanta resistência como as pessoas querem que eu tenha. E foi com isso em mente que fiquei me prostituindo por apenas cerca de seis meses. Coloquei esse período como meta, porque eu sou bem trabalhadora e precisava de uma boa quantia para iniciar o meu tratamento hormonal. Coloquei essa meta e, com o tempo, consegui juntar dinheiro para dar início ao tratamento. Ainda assim, após iniciar a terapia hormonal, também continuei correndo atrás do meu rolê, enquanto multiartista e ativista que sou, para ver se conseguia ressignificar minha vida e para não precisar voltar às ruas.

Então, o meu rolê dos últimos cinco anos foi exatamente esse: não precisar voltar à rua, não precisar voltar à prostituição. E a prostituição me atravessa diretamente também por eu ser atriz. Uma das minhas primeiras formações é de atriz e, enquanto atriz, já existe um grande preconceito dentro da sociedade brasileira. Na própria história do início do teatro, nós, mulheres, só tínhamos acesso e espaço para expor a nossa arte em cabarés.

Por isso que a minha poesia fala, sou a puta do século XIX. Porque no século XIX, essas atrizes, eram sempre vistas como "puta" e isso reverbera até os dias de hoje através de uma série de preconceitos em nossa sociedade. Constantemente essas mulheres, artistas, atrizes, são colocadas nesse lugar de vulgarizada, de vagabunda, de puta. É sempre nesse lugar do discurso que o artista não gosta de trabalhar, só gosta de ficar sem fazer nada, de que é vagabundo etc. Como a Diana mencionou, sobre o estigma de puta que cola muito mais fácil em algumas mulheres do que outras, esse estigma dentro do campo das artes também vai ocorrer, ele vai atingir de forma mais forte e injusta mulheres artistas que estão nestes espaços, tentando sobreviver e retirar o seu sustento.

Outro fato que sempre faço reflexões na minha trajetória é que iniciei a minha carreira muito jovem, e as violências e os estigmas começaram a ocorrer a partir da adolescência. Aliás, não na adolescência, eu comecei a ser hipersexualizada desde criança, mas o meu corpo só começou a ser proposto para ser colocado à venda mesmo na minha pré-adolescência. Nesta época eu deveria ter uns 13 para 14 anos e as propostas para comprar/vender meu corpo começaram a vir. Propostas que eram disfarçadas como

oportunidades para eu sair do país, para ir para Europa e todas essas coisas que acabam sendo muito lúdicas para pessoas que muitas vezes vêm de contextos de vulnerabilidade social e de precariedades.

Eu passei por tudo isso e minha resposta foi “não”. Não, eu sou atriz. Não, eu sou artista. A minha vida precisa ser vingada pela arte. E fazendo esse recorte temporal, a cerca de 5 anos atrás, isso voltou a me atravessar quando eu tomei a decisão de ir para rua, que foi esse lugar que eu sempre neguei na minha juventude e acabei voltando para esse mesmo ponto de partida.

Além disso, sempre bom mencionar a falta de sensibilidade das pessoas com a decisão de que não é fácil, de nós, mulheres trans, trabalharmos com o sexo. Primeiro, da nossa própria família em não compreender os motivos pelos quais essa mulher está se colocando nesse grau de marginalidade, de extrema vulnerabilidade, exposta a qualquer tipo de violência gratuita que possa vir. Mas também de pessoas próximas, amigos, vizinhos e da sociedade que acreditam que a prostituição é o caminho mais fácil, sendo que, na maioria das vezes, é o único caminho possível para sobrevivência.

Estamos sempre expostas à reprodução desses discursos arcaicos e colonizadores, até mesmo para corpos dissidentes em construção e (des)construção, onde são criadas expectativas de estabelecer ou reproduzir padrões do que é ser mulher, de ter que respeitar o padrão de uma mulher digna ou uma mulher honrosa e tudo mais. E esse foi o primeiro afronte que eu tive. Com a minha própria família dentro de casa. Até mesmo porque eu faço parte de uma família de mulheres cisgêneras, então tive que ouvir muita coisa.

Para ser mulher, Yara, você não precisa fazer isso, porque na nossa família nenhuma mulher precisou passar por isso. Agora vem você, etc.

Eu até tentei o diálogo. Lembro de ter questionado à minha família: “vem cá, você vai conseguir pagar as minhas contas?” “A gente vai conseguir chegar nesse denominador comum, onde vou precisar dessa determinada quantia todo mês para arcar com as minhas despesas?” Não, não vai. Então a rua mesmo é o meu lugar, é o lugar onde eu vou gerar essa renda e, nesses últimos cinco anos, o meu rolê tem sido o de não voltar mais para a rua. Com tudo isso, eu confesso que me pego pensando às vezes: “Ah, podia ter um final feliz”.

E eu aqui, dentro da faculdade, ocupando este espaço, dá para pensar nisso, mas sabemos que não é assim na rua. É um lugar de extrema violência e eu não comungo com nenhum tipo de violência. Eu não violento ninguém. Então, consequentemente, na

rua, se você não violenta, você é violentada, porque a rua, como eu volto dizer, é um espaço de extrema violência. Por isso, inclusive, eu acredito ser muito delicada e complexa essa ideia de querer romantizar as situações de rua, inclusive o termo puta. Sim, é importante a gente tentar dar uma humanizada, estamos falando de pessoas, de corpos que estão ali precisando sobreviver, mas não é algo que todas as meninas vão compartilhar de uma visão romantizada ou politizada. São várias violências que atravessam os nossos corpos neste cenário.

Meu corpo teve que passar por muitos históricos de estupro, meu corpo foi exposto à vala quase todos os dias, estive muito próxima da morte. Apesar de eu ser uma mulher extremamente justa, educada, ou seja, estive exposta à morte por apenas existir nestes espaços. Mesmo sendo uma mulher respeitosa, digna de vida, mesmo assim, todas as vezes que eu saía para fazer programa eu tinha que passar por isso.

Na verdade, até hoje isso ocorre quando saio e retorno para minha casa. Sempre acabo pensando: "será que eu vou conseguir voltar?" Hoje, eu cuido de treze gatinhos que são os meus amores, e é por eles que eu estou viva, por eles que eu vivo, e sempre acabo pensando nisso. Apesar de ser uma multiartista, de querer muito sucesso (e eu vou fazer muito sucesso enquanto artista), de querer construir meu repertório (sim, tem repertório vindo aí) e, sim, eu quero tudo isso de glamour e guloseimas, eu simplesmente percebi que não dá para eu morrer. Por que quem é que vai cuidar dos meus gatinhos? É só isso que eu penso, porque até uma poesia fazendo alusão do amor à morte eu já fiz. Naquele ano, precisamente, em que eu fui para a rua, houve uma sequência de desaforos e de desamparos que foi acontecendo na minha vida, que eu até então ainda relativizava, ainda tentava não absorver e tentava me conformar, pensando: "Não, tudo bem, é assim".

Mas as pessoas não fazem ideia do que vem a ser uma mulher trans. Por exemplo, eu sou uma mulher trans porque eu nasci mulher no corpo biológico masculino, então é por isso que eu sou uma mulher trans: porque eu nasci mulher no corpo biológico masculino. E por mais que a nossa sociedade hoje consiga avançar sobre vários discursos sobre a transgeneridade ainda está muito aquém de compreender a complexidade e profundidade de tudo na subjetividade das pessoas. Ainda mais quando se depara com situações como a minha e de tantas outras mulheres trans, que são colocadas nesse lugar de violência. E se formos pensar na situação de mulheres trans e mulheres trans pretas, quando a gente vai acrescentando essas questões interseccionais percebemos quão complexa é a situação. Por exemplo, quanto mais for retinta, mas há uma naturalização em nos desumanizar, de nos desonrar, de nos colocar neste lugar de inferioridade.

E isso é surreal. O que eu passei na rua, por exemplo, eu passo por muitos lugares assim, de maneira bem gratuita. Hoje mesmo, para eu pegar o ônibus, eu até comentei com o pessoal do evento, porque foi o motivo de eu ter chegado atrasada: um bêbado que estava causando problemas dentro da van. Para mim (e eu até tento sair do meu corpo para criar interpretações psicológicas sobre algumas atitudes que as pessoas têm comigo), ele estava tentando me elogiar, mesmo assim, foi uma situação incômoda e absurda a forma como ele estava falando comigo dentro da van. E eu nem percebi que ele estava falando comigo em um primeiro momento, até mesmo porque eu já estava dentro da van, já fazia tempo que havia saído de casa. Eu até tinha me atrapalhado com a minha saída porque meus gatos estavam sem ração, tive que sair para comprar antes de vir para cá. E com tudo isso na cabeça, tendo ainda que me espremer para pegar a van, entrar, sentar, sair etc.

E teve esse contratempo por causa desse senhor que ficou falando um monte de coisa e estava muito bêbado, e enquanto ele falava sem parar eu estava tentando enviar mensagens para umas pessoas que trabalham comigo em uma rede negra indígena e do Transcetrades (que eu sou CEO, vocês podem depois pesquisar e seguir no Instagram). E aí só percebi que ele estava falando comigo quando me dei conta que algumas pessoas estavam rindo e me encarando. E eu até pensei em ignorar, continuei falando com o pessoal do Transcetrades pelas redes sociais já que estávamos organizando um ato importante em homenagem à mãe de uma menina trans e não binária que havia falecido.

E aí logo após eu encerrar minha conversa, quando coloquei o celular no bolso, eu percebi a seguinte fala: "Ah, mas não parece não. Você quase me enganou". Então eu tive que responder: "Moço, você está falando comigo? Esse tempo todo você está falando comigo?". E ele respondeu: "Ah, é, você quase me enganou". Sendo assim, eu disse: "Ah, pois continue enganado, viu, moço? Continue aí na sua vibe". Mesmo assim ele continuava. Ele continuava sem parar, ele falava e falava, e ele começou a, literalmente, me tratar no masculino. E aí eu disse assim: "Moço, você sabia que isso é racismo?" Porque as pessoas não estão acostumadas com isso. Se elas virem uma PCD, elas vão querer dar *churria*. Mas a *churria* só vai acontecer se aquela PCD for preta.

A mesma coisa acontece com a pessoa trans, travestis, todas as interseccionalidades, as pessoas que sofrem muito mais preconceito são as racializadas. A gente sofre tanto preconceito porque o racismo nos atravessa e acaba legitimando aquela outra pessoa de nos ridicularizar, de nos desumanizar. Tipo aquela coisa cultuada nas obras do Grande Otelo de antigamente, de ridicularizar os corpos negros, para fazer o povo rir. E eu comecei a falar sobre isso dentro da van. Neste momento, o motorista já estava meio

que para ou não para e na próxima descida eu pedi para parar e desci da van. E aí está o motivo do meu atraso para compor a mesa aqui. Decidi descer da van por conta de mais uma violência, ainda tive que pegar uma moto para poder chegar aqui, isso é só um pequeno exemplo do que nossos corpos passam todos os dias.

E o racismo é assim. Ele vai nos pegando nessas armadilhas do cotidiano e, se a gente não falar: “olha, isso é racismo, sabe?” Vamos naturalizando o racismo e as violências. Quando a gente vê qualquer pessoa preta sendo ridicularizada, sendo desumanizada, é preciso que a gente foque também nestas questões interseccionais, porque é pelo racismo que ela está sendo colocada naquele lugar. E é por isso que a gente precisa falar, precisamos contestar essas situações. Esse caso que aconteceu comigo na van, por exemplo, o senhor mesmo estranhou minha acusação, já que ele também se identificava como pessoa preta. Mesmo assim, eu disse que ele estava sendo um racista igual. Afinal de contas, a gente faz parte de uma estrutura que nos ensinou a reproduzir o racismo. Uma pessoa preta, de fato, não tem como ser racista, mas ela tem como reproduzir dogmas sociais colonizadores, logo, o efeito é muito semelhante ao do racismo que sofremos. Só não vai ser tão igual porque não vai vir carregado lá da herança dos antepassados deles, porque são os mesmos que os meus.

Mas a piada, o lugar de ridicularização, a desumanização estarão presentes e serão tão nocivos quanto. Percebi que ele ficou confuso e reflexivo com a situação e as pessoas da van também, aos poucos fui falando mais e as pessoas foram se tocando também, porque não dá para eu ser palco para as pessoas rirem. Eu já fui convidada para atuar como palhaça, porque eu comecei com o teatro de rua e eu também sei fazer palhaçaria, mas ali, naquele momento, ninguém me contratou, não houve nada. Eu não estava com o nariz vermelho. Eu sou preta, inclusive e não tem como a gente simplesmente ter um nariz vermelho porque o céu está quente.

Outro ponto também que eu quero colocar é o de ser puta, sobre a sua vestimenta, o traje de ser puta que é o quanto você consegue sustentar aquele look. Porque se a gente pensar, até mesmo a partir de um batom vermelho, que já é uma força para você conseguir sair de casa. Agora imaginemos uma mulher preta retinta de batom vermelho, entendeu? É preciso ter muita força para sustentar esse lugar. Para poder usar uma roupa ousada, uma roupa curta.

“Ah Yara, por que então você usa roupa curta?” “Você poderia usar outra coisa?” Mas assim, esse short, inclusive, é o mais longo que eu tenho. Eu vim pensando aqui nesse rolê. Então vou botar esse que é mais comportado. E eu me lembro que a cinco anos atrás eu usava muitas coisas diferentes, tipo toda sexta-feira, aí eu me vestia toda de

branco, botava em vestido longo, mas na realidade a sociedade irá me vulgarizar igual. Eu posso estar de vestido longo, posso estar de saia curta, mas vão me colocar nesse lugar de profana, insana, que quer putaria.

Então eu aprendi a me desapegar dessas coisas, comecei a atender as necessidades do meu corpo. A roupa curta para mim é extremamente mais confortável, porque eu pego ônibus, eu pego o metrô, eu pego moto, e a tal da roupa longa dá muito trabalho para fazer todos esses trajetos. Eu transpiro bastante, eu sou filha de negro com indígena, então eu transpiro muito, então comecei a respeitar mais meu conforto.

Mas e a rua? Nos últimos tempos, eu não tenho mais contato direto com a rua da prostituição, mas a minha realidade de vida ainda me coloca nestes atravessamentos. Por exemplo, nos meus deslocamentos cotidianos, na minha volta para casa (como eu mencionei, eu moro no meio do mato, no início de Arembepé), o último ônibus que eu posso pegar é às 19h30, após isso, tem apenas o Corujão, que é de hora em hora e se você não conseguir pegar, tem que esperar no mínimo uma hora.

Todas as minhas atividades sociais são para esse lado de cá, para o lado do Centro Histórico. Então todo rolê que eu vou, se eu quiser pegar o último ônibus, tenho que sair cedo, para garantir o lugar no último ônibus regular antes do Corujão. Mas, na maioria das vezes, para aproveitar a noite de Salvador, é preciso pegar o ônibus Vila de Abrantes, que passa às 23h20. Só que o Vila de Abrantes vai me deixar ali perto do pedágio e ali do pedágio eu tenho que conseguir uma carona para eu conseguir chegar em casa.

E todo o rolê tem sido assim, ou seja, indiretamente eu acabo passando por esses contatos com a prostituição. Por que, nessa situação de um corpo feminino, trans e negro, pegando carona de madrugada na rua, quem vai parar o carro para mim? Qual o interesse daquela pessoa quando para o carro? Porque quando eu volto para casa é tipo assim: eu sou uma puta. Eu não sei se já falei sobre isso: eu sou muito puta e a minha volta para casa eu quero garantir. Então, quando eu estou voltando para casa, eu vou fazendo tudo o que tenho que fazer, pegar todo mundo, se der para pegar, deu, se não der, a gente vai pegando pelo menos o contato. Fazendo a network, fazendo tudo direitinho.

Na maioria das vezes eu só quero chegar em casa em paz, mas é horrível porque quando o carro para a pessoa nunca quer só me deixar em casa. Então tem toda uma situação de desgaste para eu convencer aquele homem ali de apenas me dar uma carona. Sempre tenho que ficar repetindo ou perguntando se está tudo bem para ele apenas me deixar ali, tentando convencê-lo que meu corpo não é uma moeda de troca. Então é isso que eu gostaria de deixar como mensagem final. Até mesmo para

não me estender muito porque sou tagarela. Gostaria que esses meus relatos ficassem na consciência de vocês, para que vocês possam refletir e não ficar romantizando muito o corpo feminino na rua. E digo, se vocês quiserem, experimentem estar nessa situação, embora eu não recomende, não é para todo mundo.

Inclusive, eu acho massa quando a gente carrega o termo "puta" como uma forma de liberdade de expressão do nosso corpo. Uma liberdade fora desses padrões que a sociedade espera sobre os nossos corpos. Desse ideal de feminilidade, de estar sempre em um padrão de extrema beleza. A mulher preta, neste sentido, tem que estar sempre impecável. Até mesmo porque, se está faltando uma coisa para as pretas ou se não correspondermos a este ideal de mulher preta bela, bonita, somos tratadas como homens ou até mesmo pior.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74458

Como citar: YARA, Sereya. Uma história da Sereya Candace. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 38-49, 2026.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL